



Especificidades e estratégias enunciativas do narrar radiofônico em tempo real: análise narrativa do Caso do Rodado

Mirian Redin de Quadros¹
Márcia Franz Amaral²

Resumo: O presente artigo analisa a cobertura realizada pela Rádio Gaúcha para o Caso do Rodado, um acidente de trânsito que vitimou quatro meninas indígenas na cidade de Estrela, interior do Rio Grande do Sul, em outubro de 2015. A reflexão ampara-se no conceito de narrativa, entendendo-o como um aporte teórico e metodológico para o estudo do jornalismo. Tomando como principal referência a Análise Crítica da Narrativa (MOTTA, 2013), foram analisados seis programas, veiculados pela rádio ao longo do dia 19 de outubro de 2015, com o objetivo de identificar as especificidades do narrar radiofônico, descortinando estratégias e recursos empregados na configuração da narrativa. Os resultados da pesquisa apontam para uma narrativa que se caracteriza, principalmente, por fatores como fragmentação, instantaneidade, uso de reiterações, inclusão de “cenas de bastidores” e participações de ouvintes.

Palavras-chave: Narrativa jornalística; Rádio; Análise Crítica da Narrativa.

1. Considerações iniciais

No ar desde as 5h, a programação do Gaúcha Hoje³ seguia como de costume naquele princípio de manhã de segunda-feira. O apresentador Antônio Carlos Macedo conduzia o programa que tinha como pauta principal a adaptação ao Horário de Verão, recém-iniciado. Repórteres revezavam-se na tarefa de relatar aos ouvintes as condições

¹ Mestre e Doutoranda em Comunicação Midiática pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. Bolsista Capes. E-mail: mirianrq@gmail.com.

² Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS, Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. Bolsista do CNPq. E-mail: marciafranz.amaral@gmail.com.

³ Programa jornalístico veiculado na Rádio Gaúcha de segunda à sexta-feira, das 5h às 9h.

do clima e do trânsito. As primeiras informações do dia eram levadas ao ar entre atualizações de hora e temperatura. O roteiro do programa, aparentemente, seguia o planejado até que mensagens enviadas por ouvintes alertaram a reportagem sobre um grave acidente de trânsito. Havia mortes, crianças envolvidas, congestionamento e protestos. Era uma história que precisava ser contada.

Diariamente o jornalismo se depara com situações como essas. Acontecimentos que irrompem com a normalidade e precisam ser noticiados. Em meio ao caos do inesperado, cabe ao jornalista, por meio de procedimentos de apuração e fazendo uso da linguagem e dos recursos específicos de cada mídia, reordenar fatos e personagens a fim de construir uma narrativa coerente e credível. É o jornalismo, por meio de suas narrativas, que faz a mediação entre os acontecimentos do cotidiano e a experiência humana.

No rádio informativo, comprometido com o conteúdo jornalístico, essa tarefa ganha contornos acentuados. O imediatismo característico das transmissões radiofônicas aliado à instantaneidade da recepção leva o rádio a construir suas narrativas quase que de forma simultânea ao desenrolar dos fatos. Distingue-se, portanto, das narrativas configuradas para meios impressos ou audiovisuais que, diferidas, contam com mais tempo de apuração, redação e edição. De forma semelhante aos atuais meios digitais, principalmente os sites de redes sociais, o rádio apura e narra ao vivo.

Compreender como se dá esse processo de configuração das narrativas radiofônicas transmitidas em tempo real é o objetivo principal deste texto. Adotando como referencial teórico-metodológico a Análise Crítica da Narrativa, com base em Motta (2013), partimos dos seguintes questionamentos: por meio de que estratégias e recursos (técnicos, sonoros e enunciativos) o rádio configura suas narrativas em tempo real sobre os acontecimentos cotidianos? Que elementos particularizam essas narrativas, diferenciando-as das narrativas configuradas por outras mídias?

Como objeto empírico de nossa reflexão, elegemos a narrativa sobre um acontecimento específico, veiculada pela Rádio Gaúcha, emissora de programação informativa sediada na cidade de Porto Alegre (RS). O Caso do Rodado⁴, que detalharemos a seguir, se refere a um acidente envolvendo um caminhão e quatro meninas de uma co-

⁴ Rodado é o nome dado ao conjunto de rodas e pneus, fixado ao eixo do caminhão. O caminhão que se envolveu no acidente tinha dez rodados, cinco de cada lado. O rodado que se soltou foi o último, que costuma ficar suspenso quando este tipo de veículo trafega vazio ou com cargas de menor peso.

munidade indígena do Rio Grande do Sul. O acontecimento ocorreu e foi narrado pela emissora no dia 19 de outubro de 2015. Tomando como referência a Análise Crítica da Narrativa, método sugerido por Motta (2013), e articulando-os à bibliografia específica sobre rádio, buscaremos delinear as especificidades técnicas e estratégias enunciativas empregadas na configuração da narrativa sobre esse caso, ampliando nossa reflexão acerca das narrativas radiofônicas transmitidas em tempo real.

2. O jornalismo pelo viés da narrativa

O ato de narrar tem sua origem com a humanidade. Desde o princípio da comunicação oral o homem se utiliza de práticas narrativas para relatar acontecimentos, para registrar a História, inventar estórias⁵, transmitir conhecimentos e valores. É pelo encaideamento da experiência vivida em uma lógica temporal de causas e consequências que o ato de narrar promove o ordenamento dos fatos e dos sujeitos, dando-lhes coerência e sentido. É por meio das narrativas que o complexo mundo que nos cerca vai sendo decifrado. Não há povo sem narrativa, já afirmava Barthes (2008). São as narrativas de cada sociedade e de cada época – os mitos, os contos, as fábulas, os romances e, por que não, o jornalismo – que ensinam e orientam o homem sobre o mundo, seus valores e modos de agir. A perspectiva que adotamos aqui é a de que o jornalismo pode ser compreendido como uma narrativa organizando a realidade e orientando a vida em sociedade, a partir do que seleciona como relevante, de como torna público determinados fatos e a quem concede voz.

Pensar o jornalismo como uma narrativa, contudo, não significa buscar na estrutura textual das notícias elementos que as caracterizem como uma narração. Este foi o principal pressuposto sustentado por teóricos Estruturalistas e Formalistas, em meados do século XX. Diferente dessa abordagem, a narratividade do texto jornalístico que buscamos evidenciar não se localiza no produto final, mas em seu processo de produção, como um modo de articular experiências e sujeitos, dentro de um contexto. Mais que um mero conjunto de procedimentos técnicos de escrita, o jornalismo é um fenômeno

⁵ O uso do termo “estória” acompanha o posicionamento de Motta (2013), que remete à distinção entre *history* e *story*, na língua inglesa, atribuindo ao segundo termo um caráter narrativo e subjetivo. O uso de “história”, sob essa perspectiva, estaria mais próximo dos relatos da historiografia.

cultural e, como tal, está atrelado às tensões que permeiam a realidade. Por isso, “narrar é estabelecer um modo de compreensão do mundo, de configurar experiências e realidades” (LEAL, 2013, p. 28).

Por debruçar-se sobre a história do presente, contudo, o jornalismo configura narrativas que são esboços instáveis e provisórios do real, em constante configuração e reconfiguração. Essa compreensão da narrativa ampara-se nas reflexões desenvolvidas pelo filósofo Paul Ricoeur. Para ele, é pela configuração da narrativa, ou seja, pela tessitura de uma intriga, que o tempo e a experiência humana se tornam apreensíveis e compreensíveis. Ricoeur busca em Aristóteles a referência à *mimese*⁶, a partir da qual elabora sua proposta de arco ou círculo hermenêutico, em que coloca em relação a tríplice mimese. A narrativa, para o filósofo, compreende três etapas, partindo de um acontecimento real (mimese I), sua configuração simbólica e contextual (mimese II) e sua interpretação (mimese III). É a mimese II, portanto, a responsável por estabelecer a mediação entre a experiência do mundo real e sua compreensão pelo receptor, é nela que se dá a *mise en intrigue*, ou seja, a tessitura da intriga.

Essa configuração narrativa da realidade, porém, não é definitiva e imutável, principalmente quando nos referimos ao processo de narrativização da história do presente, tal qual faz o jornalismo. Ao alcançar a mimese III, a configuração simbólica da realidade reencontra o mundo histórico e prático, através da ação do receptor que, ao interpretar a história configurada pela mimese II, reconfigura seu próprio mundo, retornando a uma nova mimese I. O círculo hermenêutico, assim, revela-se uma espiral, como defende Leal (2013, p. 39): “o retorno da narrativa ao mundo da vida não é uma volta ao ponto de origem, mas um acréscimo, um trânsito, uma inovação”.

É considerando esse movimento espiralado que Motta (2012) propõe a hipótese das narrativas jornalísticas como formas de experimentação da realidade, ou como apresentação experimental de uma realidade em movimento. O jornalismo, sob essa pers-

⁶ Conforme Motta (2013, p. 72), o conceito de mimese em Aristóteles e Platão significa “imitação, recriação ou representação do mundo por meio de algum tipo de configuração”. Aplicado à narratologia, o conceito levou à compreensão das narrativas como atividades miméticas, ou seja, que imitam a realidade. Paul Ricoeur (1994), contudo, ressalta que ao narrar não estamos produzindo uma réplica da realidade, mas sim uma versão. Motta (2012) explica que, em Ricoeur, a atividade mimética promove, na verdade, uma ruptura com o referente real e uma transposição metafórica deste na composição da intriga. A mimese ricoeuriana, assim, corresponde a um processo de recriação do mundo pela ação narrativa do homem.

pectiva, ao ordenar os fatos simultaneamente a suas ocorrências, configura narrativas que são esboços instáveis e provisórios: “[a narrativa jornalística] permite apreender rapidamente a complexidade do mundo imediato e configurá-lo em enredos minimamente coerentes, colocá-los à prova, instituir verdades efêmeras que serão continuamente refeitas, constituindo a instável atualidade” (MOTTA, 2012, p. 233).

Dessa forma, as narrativas jornalísticas podem ser entendidas como a história do tempo presente ou do tempo imediato (MOTTA, 2013). O jornalismo, sob este viés, seria uma forma de atualização permanente da realidade, ou como define Carvalho (2012, p. 173), o ato de narrar “é a capacidade humana de tornar a atualidade mais do que um momento que logo em seguida se perderá na memória”. Diferente da historiografia tradicional, entretanto, que se distancia temporalmente dos fatos para sobre eles refletir e contextualizar, o jornalismo narra os acontecimentos quase que simultaneamente às suas ocorrências, especialmente hoje em um cenário de midiatização e convergência tecnológica.

É pela ação da narrativa, portanto, que acontecimentos isolados ganham sentidos e historicidade. Por meio de estratégias enunciativas, pelo ordenamento de elementos aparentemente dispersos e valendo-se de *frames* e modelos simbólicos compartilhados, a narrativa organiza fatos e sujeitos de modo a conferir-lhes sentidos e papéis, inserindo-os em um contexto específico e uma história ampliada. Narrar, sob essa perspectiva, revela-se como um movimento de recriação simbólica da realidade, um processo que é subjetivo e dotado de intencionalidades.

Se o jornalismo de modo geral se caracteriza pela proximidade temporal entre o fato e sua configuração narrativa, no radiojornalismo esse processo é ainda mais imediato. Por suas condições técnicas, o rádio é um dos veículos capazes de transmitir o desenrolar dos acontecimentos de forma instantânea e do local onde ocorrem. Isso faz com que a narrativa jornalística neste veículo apresente certas especificidades. Sobre elas que nos deteremos a seguir, a partir da análise da narrativa sobre um acontecimento singular: o Caso do Rodado.

3. O Caso do Rodado: a intriga, os episódios e as personagens

Na segunda-feira, dia 19 de outubro de 2015, um acidente envolvendo um caminhão e quatro meninas de uma comunidade indígena localizada no município de Estrela, na região central do Estado do Rio Grande do Sul, tornou-se a pauta principal da cobertura jornalística veiculada pela Rádio Gaúcha, emissora de caráter informativo sediada em Porto Alegre. Dos primeiros relatos sobre o acidente, no início da manhã, até a prisão em flagrante do motorista do caminhão, à tarde, a emissora reconstituiu o acontecimento, articulando diferentes episódios e personagens, configurando uma narrativa sobre o caso⁷.

O acidente ocorreu pouco antes das 7h. O caminhão conduzido por Hélio Fernando da Rosa Amador, 53 anos, trafegava pela BR 386 no sentido Porto Alegre-Interior, quando, no quilômetro 360, um de seus rodados se desprende. No acostamento da rodovia, quatro meninas pertencentes a uma tribo indígena aguardavam o transporte escolar em um ponto de ônibus. O rodado atingiu as jovens, levando três delas à morte e ferindo gravemente a quarta. O caminhão não parou para prestar socorro. Morreram no local as irmãs Thaís e Chaiane Soares Lemes, de 9 e 15 anos, respectivamente, e a prima Franciele dos Santos Lemes, 14. Anelise Soares Lemes, 13 anos, irmã de Thaís e Chaiane, foi levada ao hospital de Estrela em estado grave.

Com a constatação do ocorrido, a comunidade indígena se revoltou, bloqueando a estrada nos dois sentidos. Outro caminhão que passava pelo local, pouco após o acidente, foi apedrejado pelos índios. O protesto, que se estendeu até o início da tarde, gerou congestionamento de veículos por mais de cinco quilômetros.

Moradores da Aldeia dos Coqueiros, localizada a 500 metros da rodovia, a comunidade caingangue à qual as vítimas pertenciam é composta por 29 famílias, cerca de 150 pessoas, que vivem de venda de artesanato em cidades da região. A aldeia possui uma escola que atende crianças menores. As maiores frequentam uma escola municipal, distante quatro quilômetros. Diariamente, elas precisam descer até as margens da rodovia para aguardar o transporte oferecido pela Prefeitura de Estrela.

Ainda pela manhã, em paralelo ao protesto dos índios, a PRF deu início a busca pelo motorista. Após a identificação do caminhão, o motorista foi abordado no municí-

⁷ A reconstituição da intriga apresentada aqui foi construída a partir da cobertura realizada pela Rádio Gaúcha, e complementada com informações divulgadas posteriormente pelo jornal Zero Hora, ambos veículos pertencentes ao Grupo RBS.

pio de Tio Hugo, a mais de 100 quilômetros do local e cerca de três horas após o acidente. Hélio Fernando da Rosa Amador foi preso em flagrante.

Após o meio-dia, os episódios do caso tiveram continuidade. A BR 386 foi liberada nas primeiras horas da tarde e o trânsito foi restabelecido. A Prefeitura de Estrela emitiu uma nota oficial lamentando o ocorrido e esclarecendo o funcionamento do serviço de transporte escolar. Às 15h, caciques das comunidades indígenas da região reuniram-se com representantes do Ministério Público, Fundação Nacional do Índio (Funai), Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT) e Prefeitura de Estrela para discutir a situação do local.

Também no início da tarde, o motorista do caminhão prestou depoimento à Polícia. Ele afirmou não ter percebido que o rodado havia se desprendido, por isso não parou para prestar socorro. A falha só teria sido notada cerca de uma hora depois, quando o motorista teria comunicado a empresa proprietária do caminhão e recebido orientações para o conserto. Amador ainda apresentou documentos que comprovavam a manutenção recente do caminhão. Em declarações à Rádio Gaúcha, o delegado da Polícia Civil José Romanci Reis, responsável pelo caso, afirmou não acreditar na versão do motorista, adotando a hipótese de que Amador teria percebido a queda do rodado, mas preferiu seguir a viagem. Reis manifestou o intuito de indiciar o motorista pelos crimes de homicídio culposo, lesão e fuga.

O motorista Hélio Fernando da Rosa Amador foi levado para o Presídio Estadual de Lajeado. O sepultamento das três meninas que morreram no local do acidente foi realizado na manhã do dia seguinte, no cemitério da Aldeia dos Coqueiros. A quarta menina atingida pelo rodado, Anelise Soares Lemes, não resistiu aos ferimentos e faleceu no dia 30 de outubro.

4. A narrativa da Rádio Gaúcha sobre o Caso do Rodado

Ao longo de toda segunda-feira, dia 19 de outubro de 2015, a Rádio Gaúcha dedicou significativos espaços em seus programas jornalísticos para narrar os episódios relacionados ao acidente em Estrela. O Caso do Rodado, contudo, foi a principal pauta daquele dia, tendo sido acompanhada desde o início da manhã, logo após a confirmação

do acidente, até o final da tarde, transpondo os limites entre os programas, de forma a compor uma única narrativa.

A fim de refletirmos acerca da construção da narrativa radiofônica sobre este caso, selecionamos como ferramenta metodológica de referência a Análise Crítica da Narrativa. O método proposto por Motta (2013) constitui-se como um roteiro de análise, que leva o pesquisador à desconstrução gradual da narrativa, partindo do plano da expressão, passando pelo plano da estória até chegar ao plano da metanarrativa⁸, de onde se torna possível apreender a “moral da história” narrada. A Análise da Narrativa, desta forma, permite ao analista evidenciar aspectos como as intenções dos narradores, as estratégias enunciativas empregadas, a caracterização das personagens, os recursos de encadeamento, entre outros elementos.

Ao analisarmos a cobertura do Caso do Rodado pela Rádio Gaúcha sob o viés da narrativa, percebemos a atuação da emissora, por meio de seus narradores, na busca por organizar as diferentes perspectivas sobre o acontecimento, visando torná-lo compreensível aos seus ouvintes. Por se tratar de uma cobertura realizada para o rádio, entretanto, as características do meio imprimem certas peculiaridades à narrativa. Veremos a seguir algumas delas de forma mais detalhada.

4.1 Emissão continuada x fragmentação

Ao narrar o Caso do Rodado, a Rádio Gaúcha detalha o cenário do acidente, apresenta e contextualiza as personagens, bem como encaixa na narrativa os conflitos secundários e os antecedentes. Todos esses movimentos, contudo, não se dão de forma linear e coesa, mas sim são fragmentados ao longo da programação da emissora. Repousa aqui uma das principais peculiaridades da narrativa radiofônica.

Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005) apontam a emissão continuada como uma das características que diferenciam a narrativa radiofônica das demais mídias. A narrativa no rádio, dessa forma, seria configurada por meio de uma “dupla articulação” – conceito importado dos estudos linguísticos de Ferdinand Saussure. Esta perspectiva

⁸ Conforme Motta (2013), a divisão da narrativa em planos tem caráter metodológico. Assim, o plano da expressão é o da linguagem, da superfície do texto; o plano da estória diz respeito ao conteúdo ou a intriga da narrativa, é um plano virtual de representação; e o plano da metanarrativa é onde se encontra o tema de fundo implícito na narrativa, de caráter ético ou moral.

entende que cada unidade da programação radiofônica constitui-se como uma narrativa fechada em si, mas também parte de uma narrativa maior.

A narrativa completa do Caso do Rodado foi construída pela Rádio Gaúcha por meio do encadeamento de diversas unidades narrativas menores, distribuídas ao longo da programação. O acidente em Estrela começou a ser narrado por volta das 7h, durante o programa Gaúcha Hoje, estendendo-se até o Chamada Geral 2ª Edição, encerrado às 17h30⁹. Dentro deste período, o caso foi abordado em todos os seis programas jornalísticos da grade diária da emissora: Gaúcha Hoje, Gaúcha Atualidade, Timeline, Chamada Geral 1ª Edição, Gaúcha Repórter e Chamada Geral 2ª Edição, bem como nos boletins noticiosos Notícia na Hora Certa e Correspondente Ipiranga. Registramos referências ao acontecimento em 47 unidades narrativas: desde entradas ao vivo da reportagem, entrevistas, comentários em estúdio, participações de ouvintes, manchetes, boletins ou suítes. Ao todo, o Caso do Rodado ocupou 1h 23min 44s da programação da emissora naquele dia, o equivalente a quase 14% do *corpus* analisado.

4.2 Mecanismos de coesão e coerência: suítes e reiteraões

Como forma de contornar a fragmentação e a efemeridade da narrativa no rádio, a Gaúcha se vale de mecanismos de coesão e coerência, como as suítes e as reiteraões.

Definida como a matéria que dá continuidade a um assunto anterior (JORGE, 2008), a suíte no rádio, muitas vezes, se apresenta na forma de manchetes, *teasers* (breve chamada de uma notícia) ou comentários do locutor, veiculados principalmente ao introduzir novas informações e na abertura e encerramento de blocos. Para Barbeiro e Lima (2001), este elemento da linguagem jornalística tem como principal função situar o ouvinte, permitindo-o compreender e acompanhar o andamento da cobertura. A suíte, assim, funciona como um ponto de ancoragem para a inserção de novas informações, colaborando para o estabelecimento da coerência da narrativa.

Um exemplo de suíte do Caso do Rodado é o seguinte trecho, extraído do programa Gaúcha Repórter, veiculado à tarde:

⁹ Com foco nos programas jornalísticos, excluimos desta análise os programas esportivos. Nosso *corpus*, portanto, foi composto por 10 horas de conteúdo sonoro, coletado entre as 5h e as 17h30.

Depois do intervalo, o caso envolvendo as meninas de uma comunidade indígena, às margens da BR 386 em Estrela. Três garotas morreram. Uma menina, duas adolescentes. Uma quarta menina está hospitalizada em Estrela e o caminhoneiro foi encontrado pela Polícia Rodoviária Federal já distante do ponto do acidente. [...] ele conversou com nosso repórter Paulo Rocha. Você vai ouvir depois do intervalo.

Além de funcionar como elemento de coesão e coerência da narrativa, a repetição de informações já divulgadas anteriormente, como podemos observar nesse trecho, é uma resposta à efemeridade da mensagem radiofônica e uma forma de situar a audiência volátil do rádio. Meditsch (2007) explica que a fugacidade da informação veiculada no rádio, ou seja, a incapacidade de ouvi-la novamente¹⁰, leva à necessidade de utilização de mecanismos de reiteração na construção do texto: “[...] a não permanência do texto impede que se dê por ‘já definido’ o que foi estabelecido num momento anterior” (MEDITSCH, 2007, p. 184).

4.3 Transmissão em tempo real e os bastidores da notícia

A configuração da narrativa sobre o Caso do Rodado ainda contém um importante elemento definidor: a transmissão em tempo real. A narrativa sobre o caso se deu de forma quase que simultânea aos acontecimentos, inclusive o próprio acidente (o conflito gerador da narrativa), que foi reportado instantes após a ocorrência por ouvintes que passavam pelo local. Deste momento em diante todas as ações da reportagem, desde o deslocamento para o local até os procedimentos de apuração, foram conduzidos de forma concomitante à narrativa. Os trechos a seguir, de uma entrada ao vivo realizada pelo repórter Paulo Rocha, durante o programa Gaúcha Atualidade, demonstram como os procedimentos de apuração foram incorporados à narrativa sobre o Caso do Rodado.

- [Paulo Rocha] [...] A gente tem aqui alguns homens dos Bombeiros e também da Brigada Militar que estão reforçando a situação da segurança aqui. Vamos confirmar essa informação do Samu com mais detalhes. Tem algum oficial aqui? O senhor é oficial?
- [Entrevistado 1] Não.

¹⁰ O caráter efêmero da comunicação radiofônica já vem sendo minimizado com a possibilidade de armazenamento e disponibilização de áudios para consumo assíncrono por meio da internet. Neste caso, contudo, estamos considerando apenas o consumo instantâneo do conteúdo sonoro transmitido via antena e *streaming*.

- [Paulo Rocha] Só pra gente confirmar, o senhor é da Brigada Militar? O que aconteceu, porque optaram por não retirar os corpos das meninas?

- [Entrevistado 1] Aguardando a chegada da Polícia Civil, logo após a perícia. Logo que possível vai ser liberado [...].

- [Daniel Scola]¹¹ Só para esclarecer, o caminhão, a Polícia não tem informações ainda, né?

- [Paulo Rocha] Não, até o momento, o caminhão, esse que perdeu o eixo, no caso perdeu o rodado, não foi identificado até o momento...

[Entrevistado 2 interrompe – murmúrios]

- [Paulo Rocha] Ah, já temos uma atualização!

- [Entrevistado 2] A princípio já tem alguns dados, ainda tem que fazer a confirmação, não dá pra informar ainda.

- [Paulo Rocha] Ele estaria aqui próximo?

- [Entrevistado 2] Não, estaria subindo em direção à Pouso Novo.

- [Paulo Rocha] Tá, então tá. Então nós vamos monitorar essa situação. Pelo menos essa é uma informação agora de momento. Que o caminhão que perdeu esse rodado já teria sido identificado. Está distante aqui do local. E é a informação aqui de momento, Scola [...].

A participação do repórter nessa situação se deu instantes após sua chegada ao local do acidente. Percebe-se que o profissional busca as fontes, apura e até mesmo corrige informações ao vivo – não houve tempo para preparar as entrevistas. Esses trechos demonstram como, no rádio, os “bastidores” da notícia também podem fazer parte da narrativa. Por um lado, a informalidade da linguagem radiofônica que enfatiza um tipo de locução mais dialogada (com vistas a provocar uma sensação de proximidade com seu ouvinte) justifica a inserção desse tipo de recurso na narrativa. Por outro, a transparência das ações da reportagem, somadas aos ruídos e demais interferências típicas de uma transmissão ao vivo, auxiliam a provocar efeitos de veracidade à cobertura, conferindo credibilidade à emissora.

A ação da reportagem ao vivo também gera picos de tensão na narrativa, que se alternam com períodos de estabilidade: a revolta dos índios seguida da pacificação pelas forças policiais, a notícia sobre a identificação do caminhão e a espera pela confirmação são alguns dos exemplos de “altos” e “baixos” na cobertura. A narrativa em situações como essas, contudo, não pode ser prejudicada pela instabilidade dos acontecimentos; cabe ao rádio retomar o controle sobre a condição de enunciação. Isso se dá, conforme explica Prado (1985), por meio de fatos adjacentes, precedentes e dados complementa-

¹¹ Daniel Scola é o âncora do programa Gaúcha Atualidade, veiculado das 8h10 à 10h.

res. No caso em análise, identificamos em diversos momentos informações de contextualização da situação da rodovia e da comunidade indígena, bem como referências a um acidente anterior. A produção da Rádio Gaúcha, no estúdio, trouxe para a narrativa o caso da morte de uma menina de dois anos, ocorrido um ano antes, exatamente no mesmo local. A criança, acompanhada da mãe, aguardava o ônibus quando a roda de um veículo de passeio se despreendeu e a atingiu.

A recorrência a elementos extradiegéticos sobre o Caso do Rodado, além de contribuir para a manutenção da continuidade da narrativa, pode ser interpretada como uma estratégia enunciativa que, ao mesmo tempo em que auxilia na estabilização do caos provocado pela ruptura do acontecimento, também visa reforçar o projeto dramático da narração construída pela Gaúcha. Como vimos anteriormente, para Motta (2013) toda narrativa tem uma intencionalidade. Neste caso, podemos perceber o posicionamento da emissora em relação aos sujeitos envolvidos. As meninas atingidas pelo rodado, bem como a comunidade indígena, são retratadas como vítimas de uma fatalidade e nem mesmo o protesto, o apedrejamento de um caminhão e o congestionamento são apresentados de forma negativa. A emissora se mostra solidária com a dor da comunidade e também com o motorista.

4.4 Participação dos ouvintes

O ponto de vista da rádio em relação ao Caso do Rodado e, especialmente, à atribuição de culpa ao motorista pode ser percebido ao analisarmos a participação dos ouvintes, principalmente durante o Gaúcha Repórter. Ao longo do programa, os apresentadores enfatizam o grande volume de mensagens enviadas pela audiência sem, contudo, quantificar sua totalidade. Oito delas são lidas no ar, sendo sete favoráveis ao motorista¹², enquanto apenas uma conferia-lhe a culpa pelo acidente. Importante lembrarmos que a seleção das mensagens que foram inseridas na narrativa foi feita pelos profissionais da rádio, refletindo uma escolha que é subjetiva.

¹² As sete mensagens favoráveis ao caminhoneiro lidas durante o programa eram depoimentos de motoristas e outros profissionais ligados à área do transporte que defendiam os argumentos apresentados por Amador, afirmando principalmente a dificuldade de se ouvir, de dentro da cabine do caminhão, o barulho provocado pela queda de um rodado.

É interessante observarmos como a única mensagem contraditória ao posicionamento da emissora foi veiculada. Durante o Gaúcha Repórter, a apresentadora Andressa Xavier relatou a participação, via telefone, de uma ouvinte cuja identificação foi precedida pelo pronome “dona”. A voz da ouvinte não foi levada ao ar – possibilidade, neste caso, tecnicamente viável –, mas sim comentada pela jornalista. Tratava-se de uma crítica à cobertura da rádio e em defesa dos povos indígenas. A ouvinte se mostrava descrente em relação à justificativa apresentada pelo motorista para a evasão do local do acidente. Sua opinião, entretanto, foi desqualificada pela apresentadora, que classificou a mensagem da ouvinte como “na contramão” das demais contribuições recebidas até então. Nota-se aqui como a apresentadora do Gaúcha Repórter abre espaço para o contraditório na narrativa – o “outro lado” tão valorizado no jornalismo –, buscando gerar um efeito de credibilidade e pluralidade. No entanto, a análise revela que essa aparente polifonia remete, na verdade, a um ponto de vista único.

A questão relativa à participação dos ouvintes nos leva a observar, ainda, como a função narrativa das contribuições da audiência muda ao longo do dia. Pela manhã, os ouvintes informam. São deles as primeiras informações sobre o acidente a serem veiculadas pela rádio e suas contribuições seguem tendo espaço privilegiado até a chegada da reportagem ao local. À tarde, por outro lado, as mensagens têm caráter mais opinativo, alimentando a discussão acerca da atribuição de culpa ao caminhoneiro. Novamente reforçamos que a escolha das mensagens inseridas na narrativa são decisões da instância de produção – a rádio e seus profissionais. Sua seleção se dá, dessa forma, de acordo com o projeto dramático norteador da narrativa e, de forma mais abrangente, com um objetivo que é extradiegético: provocar efeitos de participação no ouvinte, fazendo com que este se sinta atuante na construção da narrativa o que, por conseguinte, leva a uma maior afinidade e fidelidade com a emissora. A participação do ouvinte, dessa forma, atenderia não somente a um compromisso jornalístico com a pluralidade de vozes, mas também a uma lógica de mercado.

Considerações finais

Ao analisarmos como a Rádio Gaúcha cobriu, ao longo de um dia de programação, o desenrolar de um acontecimento específico podemos compreender de forma

mais clara como se dá o processo de narração, sob o ponto de vista que tomamos como referência neste artigo. Ao narrar o Caso do Rodado, percebemos que a Gaúcha não se limitou a descrever ou contar os fatos, mas também lhes atribuiu sentidos e juízos de valor, mesmo que estes julgamentos não tenham sido explicitamente intencionais. Como vimos, sob a perspectiva teórica e metodológica que adotamos, a narrativa vai além de uma estrutura ou formato textual; designa, em vez disso, um processo subjetivo de ordenamento e atribuição de sentidos à realidade e às experiências humanas.

A narrativa radiofônica, assim, considerada como um processo de representação simbólica, intencional e experimental da realidade apresenta características que lhe são específicas. A análise do Caso do Rodado nos permitiu ressaltar algumas delas.

No rádio, as narrativas tendem a ser mais fragmentadas, efêmeras e, em algumas situações, construídas de forma simultânea ao desenrolar dos fatos. A configuração da narrativa, assim, se dá à medida que as informações vão sendo apuradas, muitas vezes incorporando “cenas de bastidores”, que deixam entrever as práticas produtivas do rádio. O uso de suítes e reiterações também se mostra mais intenso, como forma de driblar a fragmentação e o caráter fugidio da mensagem radiofônica. A ausência de outros recursos, como imagens em movimento, texto ou fotografias, também é responsável por particularizar a narrativa no rádio. Efeitos sonoros, ruídos, silêncios, trilhas musicais e as entonações de voz têm papel fundamental, sendo capazes de suscitar sensações, provocar efeitos de veracidade ou imprimir sentidos. Da mesma forma, a participação dos ouvintes desempenha funções na narrativa, sendo acionadas pela instância de produção tanto com fins informativos quanto dramáticos.

Por fim, ainda que não previsto como um objetivo deste estudo, a análise das especificidades técnicas e enunciativas da narrativa radiofônica – situadas nos planos da expressão e da estória identificados por Motta (2013) – nos levam ao plano da metanarrativa, o tema de fundo. Assim, a metanarrativa que se apreende do Caso do Rodado aponta para a compreensão do acidente em questão como uma fatalidade, que ganha contornos ainda mais dramáticos pelo envolvimento de crianças. Não se identifica, porém, na narrativa da Rádio Gaúcha, o vilão da estória, haja vista que o motorista, responsabilizado pelas autoridades policiais, é representado pela emissora também como uma vítima do acidente.

Referências

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de radiojornalismo**: produção, ética e internet. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2001.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 19-62.

JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do foca**: guia de sobrevivência para jornalistas. São Paulo: Contexto, 2008.

LEAL, Bruno Souza. O jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto (Orgs.). **Narrativas e poéticas midiáticas**: estudos e perspectivas. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 25-48.

MARTÍNEZ-COSTA, Maria del Pilar; DÍEZ UNZUETA, José Ramón. **Lenguaje, géneros y programas de radio**: introducción a la narrativa radiofónica. Pamplona: Eunsa, 2005.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação**: teoria e técnica do novo radiojornalismo. 2.ed. Florianópolis: Insular; Ed. UFSC, 2007.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Narrativas jornalísticas e conhecimento de mundo: representação, apresentação ou experimentação da realidade? In: PEREIRA, Fábio Henrique; MOURA, Dione Oliveira; ADGHIRNI, Zélia Leal (Orgs.). **Jornalismo e sociedade**: teorias e metodologias. Florianópolis: Insular, 2012. p. 219-241.

_____. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Ed. UnB, 2013.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus, 1994. (Tomos I e III).